



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 1 | JAN-MAR 2020

METAPOESIA COMO FENÔMENO DIALÓGICO



METAPOETRY AS DIALOGICAL PHENOMENON

WILDER KLEBER FERNANDES DE SANTANA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, Brasil

ÉDERSON LUIS DA SILVEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 22/09/2019 ● APROVADO EM 29/10/2019

Abstract

The aim of this study was to delimit the Metapoetry as an object of study, trying to understand it as a dialogical phenomenon, from the theoretical and methodological presuppositions of Bakhtin (1895-1975), Volóchinov (1895-1936) and Medviédev (1891- 1938), in addition to the contributions of Bochiccio (2012). After conducting a course of theoretical discussions on Metapoetry, we analyze dialogically the metapoetic text "Quest for Poetry", by Drummond. It's worth mentioning that this is not about taking to the field of literary studies, but for a sharp

eye to Metapoetry from concepts from the dialogical theory. Search, then add in the methodological suggestion of a way of glimpsing the literary object from the discursive studies.

2

Resumo

O presente trabalho se propôs a delimitar como objeto de estudo a metapoesia, buscando compreendê-la enquanto fenômeno dialógico, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos de Bakhtin (1895-1975), Volóchinov (1895-1936) e Medviédev (1891-1938), além das contribuições de Bochiccio (2012). Após realizarmos um trajeto de discussões teóricas sobre a metapoesia, analisamos dialogicamente o texto metapoético “Procura da poesia”, de Drummond. Vale mencionar que não se trata de enveredar para o campo dos estudos literários, mas para um olhar aguçado à Metapoesia a partir de conceitos oriundos da teoria dialógica. Busca-se, então, acrescentar na sugestão metodológica de uma forma de vislumbrar o objeto literário a partir dos estudos discursivos.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Metapoesy. Dialogism. Literature.

PALAVRAS-CHAVE: Metapoesia. Dialogismo. Literatura.

Texto integral

Introdução

Nem sempre a Literatura esteve direcionada pelo prisma da alteridade¹, e isso porque, especificamente a poética, já protagonizou discursos autoritários, como um efeito de apagamento da voz alheia. Mikhail Bakhtin (2015), considerado “o pensador mais impressionantemente produtivo nas Ciências Humanas a emergir na Rússia soviética e um dos mais significativos teóricos da literatura no século XX” (RENFREW, 2017, p. 13) reinsere nas discussões filosófico-literárias do século XX o continuísmo e a solidificação (temporária) de uma poética formalista, o que Medviédev classifica como “O método formal nos estudos literários” (2016 [1928]).

É preciso considerar as proposições de Santana (2018), quando afirma que esteve em vigor, em grande parte da Europa e especificamente na Rússia, um ensino de literatura puramente formal, tanto em escolas em ensinos fundamental e médio quanto em centros universitários. Ao longo do século XX, alguns grupos, em terreno russo, como a Sociedade para o Estudo da Língua Poética (OPOYAZ)², propuseram um estudo separatista, distinguindo-se linguagem prática de linguagem poética.

Diferentemente do que propunham os formalistas, baseamo-nos, para composição deste trabalho, nas propostas reacionárias ao método formal, dos estudiosos e pesquisadores Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936) e

Pável N. Medviédev (1891-1938), integrantes do Círculo de Bakhtin. Em perspectiva dialógica, concordamos com Bakhtin (2013), para quem o ensino da literatura e de gramática devem ser efetuados estabelecendo-se correlacionamentos entre procedimento metodológico e a o processo de criação (artística) da linguagem.

Quanto à metapoesia, concordamos com Bochicchio (2012), quando atesta que, “no texto metapoético é a própria poesia que é questionada, nas suas matrizes culturais e referenciais, nos seus pressupostos e nos seus objectivos, no elenco de interpretações ou de enigmas que suscita, no que afirma explicitamente e no que supõe ou omite” (p. 155). Em perspectiva bakhtiniana, tomada enquanto gênero do discurso, a metapoesias não se torna apenas matéria de si mesma, como um objeto imanente, mas sobretudo um espelho a refletir e refratar (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) processos próprios ou alheios, vozes outras, discursos histórico-ideológicos que transgridem o lugar-comum do eu-para-mim³(BAKHTIN, 2006 [1979]). Nesse sentido, a metapoesia consiste em um gênero discursivo em que o autor-criador fala do próprio ato poético não em si mesmo, mas de a partir de outras consciências. Assim, “vai devorando, incorporando e digerindo a ideia de que parte, amalgamando-a à linguagem que utiliza” (BOCHICCHIO, 2012, p. 155).

Este estudo se insere em uma área de investigação sobre o ensino de Metapoesia não apenas em asserções russas ou europeias, mas, sobretudo em dizeres de pesquisadores que têm se solidificado em terreno brasileiro, dentre os quais Brait (2005), Faraco (2009), dentre outros. Tomamos como alicerce o dialogismo, categoria a qual consideramos indispensável à construção de sujeitos críticos.

Faz-se, então, urgente, refletir como têm sido analisadas e utilizadas em salas de aula poesias e metapoesias, na medida em que se deve averiguar até que ponto o ensino tem sido perpassado pelas escolas formalistas vigentes no século XX. Nosso objetivo, portanto, consiste em propor um novo olhar sobre a metapoesia pautado na Análise Dialógica do Discurso, doravante ADD, ou seja, metapoesia como fenômeno dialógico. Vale mencionar que não se trata de enveredar para o campo dos estudos literários, mas para um olhar aguçado à Metapoesia a partir de conceitos oriundos da teoria dialógica. Busca-se, então, acrescentar na sugestão metodológica de uma forma de vislumbrar o objeto literário a partir dos estudos discursivos.

1. Metapoesia como fenômeno dialógico

A crise na literatura do século XX não se manifesta apenas na cisão do eu e na fragmentação do discurso, cada vez mais renitente em submeter-se a cânones estilísticos, a regras sintáticas ou a princípios clássicos de clareza enunciativa. O próprio revivalismo dito pós-moderno manifesta essa crise, ao deslocar os seus elementos vernaculares e as suas frequentes citações para um quadro em que os desmonta para remontá-los como nova

linguagem da contemporaneidade. A crise passa mesmo a considerar a linguagem poética em si e a referir-se a ela e aos seus processos, preferindo muitas vezes tomá-la como tema da própria criação literária. (BOCHICCHIO, 2012, p. 156).



Concordamos com a autora sobre o fato de que a crise maior da literatura está nos deslocamentos que são efetuados, sem que se leve em conta suas condições de produção. Aqui não estudamos metapoesia como um fenômeno contemporâneo ou pós-contemporâneo, mas reinserimo-lo em uma rede de discussões a partir de seu processo de criação socioideológica, observando seu aparecimento e sua circularidade discursivo-histórica. Volóchinov (2017 [1929]), na medida em que compreende a linguagem como “fenômeno social e fruto da interação humana, posiciona-se adversamente a duas tendências linguístico-filosóficas contemporâneas a si, por ele designadas *objetivismo abstrato e subjetivismo idealista*⁴.

Nessa linha de discussões, cabe analisar os apontamentos realizados por Medviédev (2016 [1928], p. 49-50), para quem

Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. O sentido ideológico, abstraído do material concreto, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete... Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante.

Medviédev constrói argumentos em defesa da comunhão entre o processo cultural (meio sócio-ideológico) e o objeto, diferentemente da proposta formalista de isolamento do objeto estético, o que acarretaria em um niilismo artístico. Na perspectiva do estudioso russo, enquanto signo, jamais um objeto/texto/discurso pode ser avaliado longe de sua realidade sócio-histórica, das vozes que o atravessam.

A metapoesia, ao contrário do que já foi discutido em massa, é praticada desde a irrupção da escrita poética, e averiguamos isso, por exemplo, nas narrativas judaicas, cujos discursos presentes no Gênesis já há uma remissão indissociável entre palavra e pensamento no relato de si mesmo: *o Bereshit, o Princípio narra sobre o princípio* em: “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn. 1.1).

A partir do instante em que se considera a fragmentação como efeito de sentido necessário à compreensão responsiva ativa (BAKHTIN, 2006 [1979]) de

textos, pode-se afirmar que “a metapoesia, acarretando uma reflexão sobre a palavra poética e os seus problemas, é provavelmente tão antiga como a própria poesia”. (BOCHICCHIO, 2012, p. 155). Desse modo, o emprego da metalinguagem e dos procedimentos de manipulação (reflexão e refração, em termos volochinovianos) do código linguístico da autorreferencialidade têm raízes até mesmo antes dos socráticos.



Apesar de reconhecermos que a metapoesia já foi discursivizada por inúmeros poetas e discursivizadas por críticos da literatura e filósofos, acentuaremos nossa pesquisa a partir dos óculos do filósofo soviético Bakhtin, em diálogo com Medviédev e Volóchinov, cujos pressupostos teórico-metodológicos compõem uma vertente de estudos denominada, no Brasil, de Análise Dialógica do Discurso.

Os princípios dialógicos da linguagem estão entranhados entre concepções ideológicas e apresentam fios condutores na compreensão de textos e discursos. Esse aporte nos faz perceber que, “Em cada momento concreto da formação discursiva, os enunciados são estetificados em camadas socioideológicas, ou seja, manifestam-se através da história e da memória culturais (processo de estetificação)” (SANTANA, 2017, p. 237).

A natureza dialógica da linguagem, como definição teórica, constitui função peculiar e concreta nas obras de Bakhtin e o Círculo. O dialogismo, nos teceres dos integrantes do Círculo, é considerado o princípio constitutivo da linguagem, em suas dimensões concreta, viva. Segundo Bakhtin (2006 [1979]), não existe nem a primeira nem a última palavra, o princípio e o fim, e “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (p. 410); Não há palavras nem sentidos absolutamente mortos: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (p. 410).

Ancorados em pressupostos bakhtinianos sobre a linguagem e o sujeito, podemos afirmar que a postura criacional metapoética é monológica, uma vez que

O monologismo nega ao extremo, fora de si, a existência de outra consciência isônoma e isônomo-responsiva, de outro eu (tu) isônomo. No enfoque monológico (em forma extrema ou pura), o outro permanece inteiramente apenas objeto da consciência e não outra consciência. O monólogo é concluído e surdo à reposta do outro, não o espera nem reconhece nele força decisiva. Passa sem o outro e por isso, em certa medida, reifica toda a realidade. Pretende ser a última palavra. Fecha o mundo representado e os homens representados. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 348).

Em uma perspectiva dialógico-discursiva, a todo o instante o autor recorre a outras vozes, tanto ao seu auditório imediato quanto auditórios mais longínquos (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]). É, justamente, a essa possibilidade de reacentos que os estudos bakhtinianos caracterizam de dialogismo ou concepção dialógica da linguagem. Nessa direcionalidade, podemos formular que esta concepção é chamada de dialógica porque circunscreve a linguagem (os discursos) e os sujeitos

que a mobilizam em processo de interconstituição e intersubjetividade, permitindo que sejam vivenciadas situações concretas no ativismo da linguagem.



Tal categoria representa a compreensão bakhtiniana de mundo como acontecimento alteritário (2006 [1979]), o que só passa a existir concretamente onde há, no mínimo, duas consciências, as quais interagem via processo de (en)formação. É nessa via de compreensão que, para Gusmão, “o diálogo é anterior ao monólogo; uma frase é sempre dita por dois, pelo menos; uma palavra, enquanto unidade de sentido, é o produto de um confronto ou de uma cooperação, fruto do cálculo e do acaso, a resultante de uma negociação [...]” (2011, p. 377).

Sobre a Metapoesia, Bochicchio comenta:

Cremos que poderia dizer-se algo semelhante em relação à possibilidade de o poema reflectir sobre si mesmo e dialogar com os seus próprios processos ou com sinais ou vestígios deles, isto é, em relação a uma dialogia que ocorre com frequência no interior do poema, supõe inúmeras pistas, modelos, tradições e transgressões, e postula ainda uma capacidade de enunciar essas matérias e outras afins como matérias também do próprio texto poético, num jogo de espelhos, de vasos comunicantes, de reversões e de reenvios cujo grau de evidência é muito variável (2012, p. 158).

Nessa direcionalidade, em aporte dialógico, podemos perceber, no fazer metapoético, relativa estabilização de si e de outros enquanto gênero do discurso, manifestação de linguagem distinta do Romance, constituindo reflexões do poeta sobre o poema ou do poema sobre si mesmo por meio de uma orquestração de vozes, renúncias, acentos apreciativos, tons valorativos.

Nestes termos a metapoesia releva como processo de conhecimento estético, por via de uma multipolarização de tensões que a convertem em projecto cognoscitivo e num resultado semanticamente complexo, reformulando os hábitos de leitura, uma vez que exige a cumplicidade do leitor. E ao fazê-lo, o metapoema proporciona um mais fecundo conhecimento da poesia e, por extensão, do mundo. (BOCHICCHIO, 2012, p. 155).

Esse coro vocal fortalece o gênero metapoesia para sua funcionalidade discursivo-literária em que outros discursos são incorporados para concretude da linguagem. Na seção seguinte foi realizada a análise de algumas estrofes da (meta)poesia Procura da poesia, de Drummond (1902-1987).

3. Olhares dialógicos sobre a (meta)poesia “Procura da poesia”, de Drummond

Procura da poesia

Não faças versos sobre acontecimentos.
Não há criação nem morte perante a poesia.
Diante dela, a vida é um sol estático,
não aquece nem ilumina.
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo.
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.
Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro
são indiferentes.
Nem me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.
(...)
A poesia (não tires poesia das coisas)
elide sujeito e objeto.
(...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Repara
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.
(DRUMMOND, 1945)

“Procura da poesia” é constituído como um (meta)poema fundamental no conjunto da obra de Drummond, assim como no Modernismo brasileiro. Trata-se de um gênero literário discursivo metalinguístico, em que percebemos o questionamento do autor-criador (poeta) sobre a própria poesia. Ao concatenarmos tal poema a uma inspiração dialógica de análise primeiramente cabe acentuar que, sob o escopo do dialogismo nenhuma palavra significa isoladamente das demais. Logo, não se trata considerar qualquer texto como tendo um fim em si mesmo já que se considera “um tipo específico de sujeito e uma forma não monológica de conhecimento” (SILVEIRA & LOPES, p. 343). Não há ineditismo nestas considerações, outras teorias e abordagens consideram tal

premissa, mas o que importante, neste quesito é a especificidade de operacionalização de conceitos. Diante disso, não se busca apreender a totalidade dos sentidos produzidos em um texto, tampouco a relação direta ou indireta com os estudos literários que já adentram em larga escala outra forma de abordagem de análise de textos. Por que então a analogia entre Metapoesia e dialogismo? Por que no cerne da teoria dialógica estão as reverberações, ressonâncias e alteridades que constituem a arquitetura dos textos escritos, ditos, enunciados. Não se centra tal abordagem na unicidade de um empreendimento único, mas considerando teóricos que já iniciaram tal iniciativa, perceber que a consideração da teoria discursiva pode ser útil para pensar a literatura sob uma abordagem que não negue as demais, mas some com distinções peculiares.

Não faças versos sobre acontecimentos./ Não há criação nem morte perante a poesia./ Diante dela, a vida é um sol estático,/ não aquece nem ilumina. Logo nos versos iniciais da primeira estrofe, em tom valorativo professoral, ou a simbolização de uma voz que já experimentou e dá conselhos, percebe-se que esta dirige-se a um interlocutor presumido que está em aprendizado.

As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.
Não faças poesia com o corpo.
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.
Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro
são indiferentes.
Nem me reveles teus sentimentos,
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.

É importante mencionar de que modo tais preceitos poéticos se desenrolam como espécies de compêndios de recomendação: a negativa é a ordem da vez – não escreva sobre X. Se pensarmos que o Modernismo se tornou um movimento de contestação em relação a movimentos de características estilísticas mais rígidas como o parnasianismo, por exemplo, pensar no que não se deve dizer se articula mais a um contraponto em relação a algo sobre o qual o poema se direciona que sobre preceitos propriamente ditos. Ao mesmo tempo em que o eu-lírico menciona a complexidade do fazer poético (não faça versos sobre X ou Y) também é operado um alerta: contemplar as palavras para escutar os sons e sentidos que são múltiplos (*Chega mais perto e contempla as palavras./ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra/ e te pergunta, sem interesse pela resposta*). Como os sentidos esvaem pelas beiradas das classificações isso remete a outro elemento peculiar dos estudos discursivos que também se faz presente na teoria bakhtiniana: o sujeito não é fonte de seu dizer ou do que escreve, ele não é a origem dos sentidos das palavras que enuncia. De certa forma “A procura da poesia” também nos permite refletir sobre os sentidos que são produzidos à revelia das vontades do autor.

Dessa forma, o autor a todo o instante reflete e refrata o “fazer poético” como ato responsável (BAKHTIN, 2012 [1920-1924], e morfologicamente, no todo

poético, utiliza verbos no imperativo, na segunda pessoa do singular (“não faças”, “não cantes”, “penetra”, “convive”, “espera”, “não forces”, “não colhas”, “não adules”, “repara”) estrategicamente, para potencializar a valoração produzida. O agir, sob viés poético dialógico, não busca considerar apenas momentos pessoais, mas, sobretudo momentos em que o(s) outro(s) são levados em conta, vez que, em agenda bakhtiniana, o “eu” só existe porque é constituído pela alteridade. De igual modo, o a voz autoral manifesta o princípio da impessoalidade.

O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia. A defesa do eu-lírico que não se faz poesia de qualquer modo, como um agir mecânico. Sobre o ato concreto humano, esse agir que nos impulsiona enquanto sujeitos responsáveis no mundo, principalmente no que concerne às fronteiras entre o fenômeno artístico e o ético, Bakhtin afirma o princípio do “não-álibi na existência” (2012 [1920-1924]). Isso significa que não há escapatória para o ser humano, não há como fugir da responsabilidade constitutiva de corresponder ao outro, a existência humana só tem sentido porque mais de uma consciência dialogam entre si. De igual modo, o processo criacional poético não deve ser realizado de maneira precipitada, de balde. A voz poética afirma que não se faz poesia apenas reportando-se ao passado de forma aleatória, essa subjetividade incidirá em um relato, ou em uma contação de história.

A poesia (não tires poesia das coisas)
elide sujeito e objeto.
(...)
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

A elisão de sujeito e objeto é uma das marcas da poesia porque ao apresentar palavras e arranjos ela não produz sempre o mesmo sentido tampouco revela uma suposta totalidade de um conteúdo oculto. Isso porque a totalidade de um texto poético é inapreensível já que ele vai sendo reatualizado com o passar dos tempos e sujeitos que o tiverem ao alcance. Não se trata, então, de verificar somente “o que o autor quis dizer” ainda que haja um arranjo estrutural e semântico peculiar que remeta a vestígios de autoria. A elisão do sujeito e objeto também pode remeter a outra instância na qual recaem alguns docentes em sala de aula. Recordando o teórico búlgaro Todorov, Silveira (2016) menciona que não se pode negligenciar a produção de sentidos visando somente o enfoque na composição estrutural dos textos. Isso porque para Todorov trabalhar com literatura não pode estar centrado em uma analogia cuja referencialidade é construir um edifício e pautar-se nos andaimes do prédio depois de pronto e também para não delimitar enclausurando textos literários em limites estipulados previamente pelos manuais escolares, por exemplo, a ser utilizados como recurso para tratar de questões relativas ao modo composicional dos textos. Quando se

mostra que os sentidos podem ser outros e muitos elide-se sujeito e objeto porque não há uma relação de transparência na interpretação que a torne única. Ao mesmo tempo é preciso destacar que nem toda interpretação é válida, pois precisa estar inscrita no texto como possibilidade de compreensão.

Isso para que não se caia no risco ao qual Drummond alerta ao mobilizar a voz autoral de forma que se passa a produzir sentidos aos leitores que precisam manter estado de vigília: (*e te pergunta, sem interesse pela resposta*). É necessário mobilizar a maior abrangência possível dos elementos componentes no ato poético, não a afastando de aspectos exteriores, que são constitutivos, tais como o sujeito e o objeto. Afirma, então, Medviédev, que, caso não seja considerada a realidade sócio-histórica do enunciado nem suas correlações com outros enunciados, este não alcançará completude em termos de compreensão. Nesse sentido,

A avaliação social leva-nos além dos limites do enunciado para outra realidade. A presença da palavra é apenas um apêndice de outra presença. No campo do conhecimento do ethos, a avaliação social é tão somente uma preparação da ação. Ela escolhe o objeto para o qual será orientado o ato ou o conhecimento. (MEDVIÉDEV, 2016 [1928], p. 190).

Então, chegar mais perto e contemplar as palavras está para além de uma primeira observância, ultrapassa os limites de uma interpretação primeira. Em procedimento metapoético, o autor-criador chama atenção para a importância do trabalho responsável com a palavra, pois esta é a matéria-prima do artesão-poeta. Na ótica de Santana (2017),

Os discursos que se encontram atravessados por diálogos alheios não têm sentido único, mas seus sentidos múltiplos se concretizam através da heterodiscursividade, ou a capacidade que os enunciados têm de se interligarem, através de um processo de interpenetração.

O heterodiscurso consiste na ampliação e no aprofundamento dos enunciados para além da estrutura e da funcionalidade. Seu acontecimento pleno se dá na concretude do dialogismo, em que as construções enunciativas são situadas historicamente, revestidas por forças centrífugas e centrípetas que lhe dão significação e sentido(s). (SANTANA, 2017, pp. 238-239).

O poeta construiu que cada palavra tem faces secretas, porque a linguagem nunca é dada nem acabada (BAKHTIN, 2006 [1979]), mas, ideologicamente, trata-se de signos cujos sentidos são produzidos em condições específicas de comunicação (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

Repara
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

Ao convocar o interlocutor para observar de forma mais atenta as valorações presentes na construção poética, a voz enaltece a arte de compor poesia. O metapoema “Procura da poesia” consiste em uma poesia que fala de poesia, mas não em sentido de fechamento, mas de constantes reenunciações, diálogos com outros discursos, atravessamentos. Neste caso, apreender processos enunciativos através da mobilização do conceito de dialogismo no âmbito da Metapoesia de Drummond permite considerar a linguagem no terreno das práticas sociais (SILVEIRA & LOPES, 2019). Vislumbrando a existência de relações dialógicas no poema pode ser apreendido que se trata de “relações semânticas entre enunciados na comunicação discursiva e que partir da relação entre o dialogismo e os processos enunciativos permite abordar a linguagem numa perspectiva que considera a historicidade e os sujeitos, extrapolando o viés predominantemente estrutural” (SILVEIRA & LOPES, 2019, p. 251).

As palavras se refugiaram na noite porque os seus sentidos nunca são explanados à primeira vista, elas estão escondidas, impregnadas de sono, uma vez que seus significados não consistem apenas na construção dicionarizada, mas, sobretudo em um feixe de sentidos, com pistas e rastros padronizáveis (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). O fazer (meta)poético consiste, portanto, em um constante escavar para se descobrir suas faces secretas, que se escondem sob a face neutra, aparente, usual.

Considerações finais

Analisar a metapoesia sob as lentes da Análise Dialógica do Discurso constitui uma abordagem inovadora no âmbito das Ciências Humanas, uma vez que esta teoria não propõe atos de investigação de um discurso sobre si mesmo, mas, sobretudo se debruça, além de bases epistemológicas, nos atravessamentos interdiscursivos.

Compreendida como fenômeno discursivo-literário, a metapoesia, quando refletida sob o horizonte dos estudos bakhtinianos e do círculo, reacentua a necessidade de deslegitimar análises de cunho formalista, as quais ainda são hegemônicas em grande parte de escolas e universidades. Retornamos aos conceitos pioneiros em que a metapoesia era conceituada como instrumento de autoconhecimento do sujeito poético, mas nosso olhar se estendeu para além.

Ao tecer pistas para compreensão da Metapoesia pudemos perceber a confluência de sua linguagem em relação ao exterior que lhe é constitutivo, tanto na maneira de enxergar o mundo quando na mobilização constante dos elementos internos, os quais só existem em diálogo com o todo poético (o terreno sócio-histórico). Após constatarmos que a autorreferencialidade da palavra poética não consiste em um imanentismo, concretizamos a teoria na análise da metapoesia de Drummond, intitulada “Procura da poesia”.

Esperamos ter contribuído no escopo de abordagens discursivas do fenômeno literário, uma vez que o nosso trabalho não consiste em palavras últimas nem fechadas, mas que compõem um cenário de movências dialógicas para ver/compreender o processo (des)contínuo do ato metapoético. Que esses enunciados permeiem novos horizontes cronotópicos, vozes que questionem e discursivizem nossos e outros dizeres.

Notas

1 Santana & Lima (2018) ao realizarem estudos de cunho histórico-ideológico, examinem que autores como Aristóteles, Descartes, Comte, Heidegger e Freud, por exemplo, são exemplos dos que adentraram ao processo de criação artística e/ ou científica idealizado como fruto de um ato individual do sujeito. Afirmam que, em textos produzidos pelos pesquisadores é possível perceber algumas propostas unidirecionais, segundo as quais um romance, um poema, uma pintura, ou ainda um tratado, um projeto medicinal, ou exame clínico psiquiátrico, partiriam de uma criação singular, isenta de qualquer influência externa que de algum modo pudesse incidir resultados sobre o ser/ objeto/ produto-processo. “No entanto, não atentavam estes estudiosos para o fato de que, em cada ato/criação ética, estética ou cognitiva, está uma presença outra, que está para além de um eu-única-instância. Esta presença, apesar de nem sempre ser claramente demarcada e visível, é parte essencial à constituição do ser humano”. (SANTANA & LIMA, 2018, p. 11).

2 Integravam esse grupo, com surgimento entre 1916 e 1917, “Viktor Chklóvski (1893-1984), Iury Tiniánov (1894-1943), Boris Eikhenbaum (1886-1959), Viktor Vinográdov (1895-1969), Viktor Jirmúnski (1891-1971) e o próprio Lev Iakubínski (1892-1946)” (GRILLO, Ensaio introdutório, 2017, p. 42).

3 Na coletânea Estética da Criação Verbal, Bakhtin desenvolve estudos sobre a vida e sobre a arte em que discute a partir de três categorias ligadas ao sujeito: eu-para-mim, eu-para-outro e outro-para-mim, para fazer referência aos modos de orientação do(s) sujeito(s) em suas relações sociais. “O sujeito, inserido em relações alteritárias, em diversas épocas, esteve direcionado em eu-para-mim, quando voltou-se para seu próprio egocentrismo, suas vontades e seus prazeres, a exemplo da tendência humanista antropocêntrica. Já as duas outras categorias (eu-para-outro e outro-para-mim) são percebidas com mais intensidade em sua sociedade em que as pessoas se preocupam mais com o outro, remete-se ao alheio para significar, para (con)viver” (SANTANA & LIMA, 2018, p. 09).

4 A partir de estudos realizados por Santana (2018), na esfera da linguística, a primeira tendência tem Saussure (1857-1913) como seu maior representante, enquanto a segunda, Humboldt ([1769-1859], posto que as contribuições de Saussure estiveram para além dos limites da segunda tendência). Saussure e Humboldt representam duas grandes tradições das

tendências linguístico-filosóficas que criaram raízes, desde os gregos pré-socráticos, no que diz respeito às reflexões sobre a linguagem: a primeira traz a língua como expressão do pensamento, e a posterior a arquitetura como instrumento de comunicação. Bakhtin (1993 [1920-1924]), 2006 [1979]), Volochínov (2017 [1929]) e Medviédev (2016 [1928]) compõem uma terceira vertente, que compreende a língua como forma de interação entre os sujeitos organizados e situada sócio-historicamente. É com base na perspectiva dialógica que se corporifica nosso trabalho.

Referências

- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].
- BAKHTIN, M. M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: editora 34, 2013.
- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- BOCHICCHIO, Maria. **Metapoesia e crise da consciência poética**. *Biblos*, v. 10, p. 154-172, 2012.
- DE ANDRADE, Carlos Drummond. **A Rosa do povo**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1945.
- GRILLO, Sheila. **Marxismo e Filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX**. Ensaio introdutório. (p. 42). In: VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- GUSMÃO, Manuel. **Uma Razão Dialógica**. Ensaios sobre Literatura, a sua experiência do Humano e a sua Teoria. Lisboa: Edições Avante, 2011
- MEDVIÉDEV, P. N. **O Método Formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica**. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].
- RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Trad. Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2017.
- SANTANA, Wilder Kleber Fernandes. **Ensino dialógico de literatura na educação básica e a formação de sujeitos críticos**. In: PAIVA, Francisco James de Oliveira & SILVEIRA, Éderson Luís. **O Ensino na educação básica: diálogos entre sujeitos e experiências docentes**. São Carlos: Pedro e João editores, 2018.
- SANTANA, Wilder Kleber Fernandes. **Heterodiscursividade e Axiologia no primeiro capítulo do Cântico dos Cânticos**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LITERATURA POPULAR, 2017, Joao Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2017. p. 6-247.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes; LIMA, P. V. **Bakhtin e o círculo: entornos dialógico-discursivos sobre o ato e a alteridade.** Revista Versalete, v. 6, n. 11, jul./dez. 2018.

SILVEIRA, Éderson Luís. **Destruição de leitores e sobrevivência dos vagalumes:** sobre a literatura que (não) se aprende na escola. REVISTA ANHANGUERA, v. 16, p. 70-75, 2016.

SILVEIRA, Éderson Luís; LOPES, Lucas Rodrigues. **O círculo de Bakhtin e o herói imigrante clandestino percorrendo** (os estudos d)a linguagem entre o dialogismo e os processos enunciativos. REVISTA PHILOGOGUS, v. 25, p. 251-260, 2019.

SILVEIRA, Éderson Luís; LOPES, Lucas Rodrigues. **Revisitando Bakhtin:** notas sobre a lexicalidade entre palavras, (diálogo entre) discursos e a contribuição para os estudos da linguagem. In: Elisângela Santana dos Santos; A. Ariadne Domingues Almeida; Natival Almeida Simões Neto. (Org.). *Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudo.* Salvador: EDUNEB, 2018, v. 1, p. 343-356.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VOLOCHÍNOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem -** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

Para citar este artigo

SANTANA, W. K. F. de, SILVEIRA, E. L. da. Metapoesia como fenômeno dialógico. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 1., 2020, p. 01-14.

O Autor

Wilder Kleber Fernandes de Santana é doutorando e mestre em Linguística pelo Proling, na Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Teologia pela Faculdade Teológica Nacional e Especialista em Gestão da Educação Municipal pelo Pradime, na Universidade Federal da Paraíba.

Éderson Luis da Silveira é doutorando e mestre em Linguística pelo PPGL da Universidade Federal de Santa Catarina.